

## **Flutuações no *ethos* de getúlio vargas. Análise comparativa das imagens projetadas para o estadista por sua filha e outros personagens históricos.**

Raquel Abreu-Aoki<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é analisar a biografia *Getúlio Vargas, meu Pai*, escrita por Alzira Vargas, filha do biografado, buscando, principalmente, verificar quais *ethé* são delineados para Getúlio Vargas, com o propósito de compreender, a partir deles, qual a imagem do estadista sua filha desejou cristalizar para a posteridade. Como arcabouço teórico, demos ênfase aos estudos acerca do *ethos*, buscando contribuições contemporâneas para essa categoria em Charaudeau (2008). Destacamos que, como essa biografia é perpassada, também, pelo domínio histórico e político, foi necessário analisá-la interdiscursivamente, com elementos oriundos desses domínios. Na versão apresentada por Alzira, os *ethé* projetados para o protagonista atribuem a ele inúmeras virtudes, registrando-se escassez de atos viciosos, estes sempre justificados pela autora. Portanto, nessa biografia, a imagem fixada para Getúlio Vargas foi altamente positiva, o que é questionável quando comparada com insumos produzidos em outras instâncias discursivas. Constatamos assim, que o *ethos* de Getúlio “flutua” consideravelmente, de acordo com os objetivos e intenções dos escritores.

**Palavras-chave:** Biografia, *Ethos*, Getúlio Vargas, Alzira Vargas, Análise do Discurso.

### **Introdução**

O material de análise escolhido para esta pesquisa, o livro *Getúlio Vargas, meu Pai*, escrito em 1960, se insere no gênero biográfico, um *locus* privilegiado para a reconstituição da memória/História. Sua materialização discursiva foi elaborada por Alzira Vargas (AV), filha e braço direito de Getúlio Vargas (GV), que foi sua Chefe de Gabinete, participando e atuando efetivamente na esfera política.

Ressaltamos que essa biografia não é um simples registro, é a presença de uma recordação seletiva, enquadrada em um espaço de ressignificações. Pontuamos que para nós, esse gênero vai bem além da narrativa de vida de uma dada pessoa, ele é perpassado por interesses múltiplos e pode ser um forte instrumento político e modificador histórico.

<sup>1</sup>Professora Ajunto I na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Estudos Linguísticos. [abreuaoiki.raquel@gmail.com](mailto:abreuaoiki.raquel@gmail.com).

É impossível apreender o passado em sua totalidade, tentamos nos aproximar dele por meio das representações feitas por uma reconstituição discursiva (ABREU-AOKI, 2016). Lembramos que cada uma dessas representações é feita a partir de óticas distintas, perpassadas por valores, crenças e ideologias. Dessa forma, se pegarmos biografias diferentes de GV, escritas por autores distintos, elas poderão ser semelhantes em alguns aspectos, como nomes e datas de fatos históricos, por exemplo, contudo estes divergirão na maneira como serão narrados – dependendo daquilo que se deseja revelar ou silenciar.

As narrativas historiográficas, como é o caso do nosso material, são obras que possivelmente despertam, nos leitores, sentimentos de identificação, pertencimento e curiosidade, principalmente, quando a proposta do autor parece ser algo próximo de despir sua personagem da exterioridade já conhecida, trazendo novidades sobre sua vida íntima<sup>2</sup> – mostrando-o como pessoa comum e, ao mesmo tempo, seus feitos profissionais, seus louros de sucesso. Assim, é comum que o leitor, ao final de uma biografia, tenha a sensação de que conhece bem a vida do biografado. No entanto, o máximo que a biografia pode oferecer é uma reconstrução, um efeito de real. (PENA, 2004).

Como pontuam Rondelli e Herschmann (2000), à biografia não resta outra trajetória a não ser tornar-se uma reunião de fragmentos dotados de sentidos e que permitirão ao leitor elaborar uma imagem sobre quem teria sido o sujeito sobre o qual se escreve e sob o ponto de vista de quem escreve. Para Le Goff (1994), os documentos ou os testemunhos que representam vestígios do passado são baseados em escolhas, seleção e edição do historiador, completando, são fractais de memória e não a realidade do passado na íntegra.

No tópico a seguir, pretendemos demonstrar alguns dos *ethé* que são delineados para GV e, a partir deles, revelar qual a imagem do estadista sua filha desejou cristalizar para a posteridade. Como arcabouço teórico, demos ênfase aos estudos acerca do *ethos*, buscando contribuições contemporâneas para essa categoria em Charaudeau (2008).

Considerando os aspectos que elencamos acima, em relação ao efeito biográfico, quando possível, iremos contrapor a versão que Alzira apresenta para determinados episódios com outras, provenientes de fontes históricas diversas, com a finalidade de resgatarmos dados relevantes acerca de GV e seu Governo. Ao relacionar tais versões, apontaremos dados que foram silenciados pela biógrafa.

---

<sup>2</sup> Esse fenômeno pode ser observado no sucesso de vendagem da trilogia escrita por Lira Neto, biógrafo de Getúlio, que promete revelar novidades e segredos sobre a vida do estadista.

Ressaltamos que, em nossas pesquisas sobre o gênero (auto) biográfico, temos observado que o *ethos* possui um comportamento instável, passível de flutuações<sup>3</sup>. Em outras palavras, muitas são as versões apresentadas sobre a história de vida de uma dada pessoa, tais versões serão definidas com base nos objetivos e intenções de quem narra.

## Os Getúlios de Alzira Vargas x Os Getúlios de outrem

Selecionamos os *ethé* que tiveram uma maior ocorrência, já que é extensa a relação das virtudes que Alzira atribuiu ao estadista em seu discurso. Em seguida, dividimos em duas grandes categorias propostas por Charaudeau (2008), a saber: de *credibilidade* e de *identificação*. Ressaltamos que em nosso *corpus* emergem outros *ethos* diferentes daqueles propostos<sup>4</sup> pelo teórico, uma vez que esses são apenas modelos possíveis. Além disso, lembramos que a categorização dos *ethé* tem meramente uma finalidade didática, eles não ocorrem isoladamente no discurso e sim, em um processo de fusão, aglutinação, sobreposição etc. Dessa forma, veremos que ao se projetar o *ethos* de predestinado, poderá ecoar, concomitantemente, o *ethos* de líder e assim por diante.

### ***Ethé* de credibilidade**

De acordo com Charaudeau (2008), a confiança que o povo tem em seu líder é baseada na crença de que o que está sendo dito por ele é verdadeiro, de que suas promessas serão de fato cumpridas e nas provas apresentadas de que ele terá meios para desempenhar o que prometeu e, além disso, que os resultados serão os desejados.

Na biografia escrita por Alzira, ela delinea um Getúlio Vargas que fez o que era esperado dele, que tinha o poder de concretizar suas promessas e obrigações enquanto cidadão

<sup>3</sup> Esclarecemos que tomamos o termo *flutuações* como empréstimo da Estatística. Conceituando-o: representam uma fonte inevitável de incerteza nas medidas em física corpuscular e não obstante constituem uma fonte de imprecisão e erro. Tal termo foi empregado por nós, pela primeira vez, no trabalho *Da militância à maternidade, flutuações no ethos de Olga Benário*. <http://www.letras.ufmg.br/padrao/cms/documentos/eventos/alr-sbr-2018/Programa%C3%A7%C3%A3o%20completa%20e%20resumos%20das%20comunica%C3%A7%C3%B5es%20-%20SBR-ALR.pdf>

<sup>4</sup> Em seu livro *Discurso Político*, Charaudeau (2008) elenca alguns tipos de *ethos*, como: sério, virtuoso, competente, de potência, de caráter, inteligente, humano e chefe.

e Chefe de Estado. Em nosso *corpus*, percebemos que a tentativa de criar uma imagem crível para Vargas passa pela mobilização de vários *ethé*: predestinado, competente, abnegado, devotado, autocentrado e líder. Neste trabalho, demonstraremos três deles: predestinado, competente e líder.

### **O *ethos* de predestinado**

O *ethos* de predestinado, em grande parte das biografias de políticos, alude a um líder nato, a um ser que foi escolhido e preparado desde a tenra idade para se tornar notável, seja por influência dos seus ascendentes, seja pelo lugar em que nasceu ou mesmo pelas adversidades que enfrentou na vida. Alzira atribui ao biografado características de excepcionalidade, tentando gerar, no imaginário do leitor, a convicção de que GV foi, desde sempre, a melhor escolha para o Brasil e que, desde cedo, sentia que seria um bom presidente, como podemos visualizar nos excertos a seguir.

Logo na introdução da biografia, Alzira arrisca uns versos demonstrando o traço de predestinação do pai:

[Excerto 1]

Era uma vez um homem só  
Era uma vez um menino chamado Getúlio Dornelles Vargas  
Era uma vez um jovem, tentando fugir de um destino.  
Era uma vez um homem, a quem o destino dominou.  
(PEIXOTO, 1960, int. – grifos nossos).

Podemos perceber que desde o início da narrativa, Alzira deseja *fazer-criar* que Getúlio se esforçou para fugir de seu destino, mas foi dominado por ele. Dessa forma, ao revelar tais fatos, pontua a grandiosidade que o destino reservara ao protagonista da obra.

O traço de predestinação irá salvaguardar todos os atos de Getúlio na trama biográfica, uma vez que, segundo a versão da biógrafa, ele não agiu por si só, tudo em sua vida (e conseqüentemente a do País) já estava pré-ordenado e determinado. Nessa perspectiva, a imagem de GV se aglutinava à do Estado [*L'Etat c'est moi*], ou seja, por maiores que fossem os esforços e tropeços de Getúlio, o destino o colocava novamente nos trilhos que marcariam sua atuação no cenário histórico-Nacional.

No Excerto [2], Alzira tenta justificar o motivo de seu pai, muitas vezes, ter sido taxado de pessoa endurecida por seus opositores, comparando-o com o perfil de outros homens que nasceram no Rio Grande. Segundo ela, GV herdou essa característica da terra em que nasceu: lugar de grandeza, heroísmo, de homens robustos e laboriosos, logo GV seria como esses homens. A partir dessa estratégia, projeta-se, também, o *ethos* de herói, de guerreiro, de forte.

[Excerto 2]

É essa a bandeira de minha terra: Solo, Sangue e Sol. Aqueles homens endurecidos pelas lutas, cujo lar era o lombo do cavalo, legaram-nos uma herança pesada [...] fizeram do gaúcho um ser inquieto, ensimesmado e orgulhoso. Nascera para herói era preciso continuar. (PEIXOTO, 1960, p. 4 – grifos nossos).

No fragmento [3] é apresentado ao leitor um dos fortes modelos que Getúlio teve na vida, seu pai Manuel Vargas. Nota-se que ele também era um combatente, um homem que teve ascensão na carreira militar: era um simples cabo e se tornou general. Dessa forma, Getúlio tinha uma influência positiva em sua vida. Já nasceu em um lar de superação.

[Excerto 3]

Havia sorvido dos lábios de seu pai tôdas (sic) as reminiscências dos combates e entreveros em que tomara parte. O velho Vargas entrara como cabo, o cabo Vargas, e saíra general. [...] Havia sido marcado pelo ‘minuano’ que lhe soprava aos ouvidos as lendas e as tradições do Rio Grande [...]. Acalentava o sonho de ser militar como o pai”. (Op.cit, p. 4 – grifos nossos).

Dessa forma, quando se projeta o *ethos* de predestinado para protagonistas biografados, ele estará relacionado a uma rede de influência que faz com que o caminho traçado para esse ser seja possível: o lugar em que nasceu o predestinado, sua família, seus amigos, suas experiências de vida etc. Todos esses elementos fomentam sentimentos e ideais que o teriam guiado desde a infância. A predestinação mexe com o ideário popular, pois dialoga com a noção de mito.

Mitos políticos, especialmente quando assumem a forma de uma personalidade, cumprem o papel de guias para o povo, devendo ser facilmente reconhecidos e seguidos – nesse sentido Getúlio Vargas foi um grande mito, construído no contexto das décadas de 1930-1940, quando o Brasil se tornava uma sociedade urbano-industrial, entrava na era dos meios de comunicação de massa e não podia mais desconhecer os graves problemas socioeconômicos que inquietavam sua população havia décadas. Mitos políticos exigem intensa e sofisticada propaganda

governamental, mas é preciso que o que está sendo propagado faça sentido para a população receptora, vinculando-se à sua experiência de vida, seja direta, seja indiretamente. (GOMES, s/d, on-line)<sup>5</sup>.

Ressalta-se que a construção de um mito, não pode ser considerada como uma mera obra de mistificação. GV materializava um modelo de Presidente que o povo acreditava ser capaz de atender às necessidades de que o País precisava naquela época (um mal necessário). O exemplo de *ethos* que surge na materialidade linguística é o de competente, outro traço que um político deve ter (ou parecer ter) para adquirir a adesão do seu público.

### **O *ethos* de competente**

Para ser competente, Charaudeau (2008) nos lembra que o sujeito precisa comprovar sua habilidade e conhecimento na atividade que exercerá. A imagem de competência aparece em nossas análises como resultado de uma herança, de muito trabalho e estudo, de funções exercidas e experiências adquiridas.

Em toda a narrativa, o protagonista sempre estará envolvido em alguma atividade, seja estudando ou trabalhando: “sempre estava muito ocupado, lendo, estudando processos, recebendo constituintes e eleitores ou viajando pelos municípios vizinhos para defender uma causa”<sup>6</sup>; “escrevia artigos políticos e, por diletantismo, tornou-se o perfilista do jornal, gênero então em voga. Passavam sob o crivo de sua análise quase todos os colegas de turma”<sup>7</sup>; “à hora do jantar, papai apareceu. Vinha cansado, mas satisfeito [...]. Ele trabalhava até altas horas da noite”<sup>8</sup> etc.

A biógrafa menciona também feitos de Getúlio durante seu Governo: a mulher obteve acesso ao voto e aos cargos eletivos<sup>9</sup>, as minorias conquistaram o direito à representação, sem recorrer aos conchavos eleitorais<sup>10</sup>; foram criadas as leis trabalhistas<sup>11</sup>; houve avanço na industrialização, na siderurgia e no comércio exterior; houve aprimoramento no transporte

---

<sup>5</sup>Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/AlemDaVida/MitoVarga>

<sup>6</sup> (Op. cit., p. 2).

<sup>7</sup> (Op. cit., p. 9).

<sup>8</sup> (Op. cit., p. 71).

<sup>9</sup> (Op. cit., p. 98, 125).

<sup>10</sup> (Op. cit., 125).

<sup>11</sup> (Op. cit., 150).

ferroviário, rodoviário e aéreo; melhoria das condições de saúde, ensino e alimentação; aparelhamento das Forças Armadas<sup>12</sup>; preocupação com a seca do Nordeste etc.

Além disso, a biógrafa arrola várias outras funções exercidas por ele, seja como militar ou político, criando uma espécie de minicurriculo. Em todo o tempo, tenta *fazer-crier* que seu pai era altamente qualificado e merecedor de todos os cargos que conseguiu.

Não é nossa função, enquanto analistas do discurso, questionar a competência do biografado, mas faz-se necessária a tentativa de desvelar episódios, mostrando que algumas posições alçadas por GV eram fruto de conchavos e troca de favores.

Alzira relata que de 1899 a 1900, GV fez uma carreira relâmpago no Exército, assentou praça em 99, como soldado raso e, ao fim de um ano, saiu com as divisas de 2º sargento, o que hoje, regularmente, demoraria alguns anos para acontecer (pois é um processo lento). De acordo com o historiador Jorge (1985, p. 457-458), GV tornou-se “segundo-sargento de uma companhia, por ordem do comandante e tenente-coronel Carlos Frederico de Mesquita”. Ainda conforme esse autor, esse mesmo general o ajudou anteriormente (em 1898), ao aceitá-lo na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo (RS), primeiro passo para o oficialato.

Em 1902, GV foi expulso dessa escola, mas, segundo a versão da biógrafa, os amigos dele haviam sido condenados injustamente e, ao serem desligados, Getúlio também pediu para receber a mesma punição “em solidariedade aos amigos”<sup>13</sup>. Isso posto, restou a GV voltar à tropa no 25º Batalhão de Infantaria, sediado em Porto Alegre.

No Dossiê Getúlio Vargas/CPDOC<sup>14</sup>, descobrimos que GV estava predisposto a abandonar a carreira das armas, matriculou-se na Escola Brasileira com o intuito de completar o curso secundário, já decidido a estudar Direito. No entanto, no início de 1903, quando se preparava para deixar o Exército, surgiu uma ameaça de conflito armado entre o Brasil e a Bolívia (em decorrência da disputa pelo território do Acre). Na condição de soldado, GV foi convocado para a Guerra do Acre.

Por outro lado, na versão de Alzira, “seu pedido de baixa estava prestes a ser deferido, quando surge a famosa questão do Acre [...]. O pai não titubeou, conseguiu com dificuldade

---

12 (*Op. cit.*, 379).

13 (*Op. cit.*, p. 6).

14 Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Getulio%20Vargas.pdf>

impedir o andamento do requerimento e se apresentou ao 25º Batalhão de Infantaria [...] cancelou sua matrícula na Faculdade e seguiu com a tropa<sup>15</sup>.

Ainda em 1903, GV recebeu baixa no Exército e se matriculou na Faculdade de Direito de Porto Alegre (como aluno ouvinte). Em 1904, ingressou na Faculdade de Direito (já no 2º período). Sobre a dispensa no Exército, o historiador Hélio Silva ([1980] 2004) explica que não era fácil conseguir baixa nas Forças Armadas. Getúlio foi dado por incapaz, com o diagnóstico falso de epilepsia<sup>16</sup>. Nota-se que um diagnóstico falso, apresentado ao Exército, constitui um crime federal de falsidade material. Diante de tais fatos, os *ethé* que Alzira tenta reforçar tornam-se fragilizados, uma vez que o estadista também usou meios fraudulentos durante sua vida profissional.

Outro episódio que Alzira relata ocorreu em 1909. Já em posse do diploma de bacharel em Direito, o pai teria ficado indeciso por um tempo, desejava voltar para sua terra natal, mas São Borja “não comportava mais um bom advogado”<sup>17</sup>. Algumas oportunidades de trabalho lhe foram oferecidas, ele escolheu ser 2º promotor, cargo que lhe daria melhores oportunidades para conhecer os meandros e “pequenos truques” da carreira que realmente desejava seguir: a advocacia. (PEIXOTO, 1960).

Curioso o fato de que a própria filha afirma que GV não tinha experiência para ser um bom advogado, como teria para atuar no Ministério Público? Isso denota claramente uma dissintonia argumentativa, pois essa função de Estado é de grande relevância e exige, nos dias de hoje, por exemplo, três anos de efetivo exercício de atividade jurídica<sup>18</sup>, dentre elas, a advocacia.

O historiador Hélio Silva ([1980] 2004, p.9) relata esse episódio, expondo que a nomeação de Getúlio para 2º promotor público, aos 26 anos incompletos e logo depois da sua formatura, foi um disparate e foi considerada como um prêmio aos serviços por ele prestados a um partido, durante a campanha eleitoral.

Corroborando a versão acima, Bischoff e Souto (2004, p. 33) afirmam também, que Getúlio foi beneficiado com o cargo, prometido, anteriormente, por Borges Medeiros.

---

15 Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Getulio%20Vargas.pdf>

16 Essa versão pode ser encontrada também em: VARGAS, Lutero. *Getúlio Vargas: a revolução inacabada*, Rio de Janeiro, 1988, p11. Para conseguir a baixa no Exército, Getúlio mentiu à junta médica que assinou o atestado de dispensa: disse sofrer de epilepsia, a desculpa mais utilizada à época pelos que desejavam escapar dos rigores do serviço militar.

17 (Op.cit.p.6).

18 Artigo 127 da Constituição Federal de 1988.



Concluída, assim, a sua participação no processo eleitoral Getúlio Vargas retomou sua atenção aos estudos e, em 25/12/1907, formou-se bacharel em Direito. Logo após, foi nomeado Promotor Público, indicado ainda por Borges de Medeiros, em 24/01/1908. O Ministério Público, cuja chefia era atribuída ao Procurador-Geral, conforme o art. 60 da Constituição Estadual de 14/07/1891, estava vinculado e subordinado ao Presidente do Estado. A nomeação de Getúlio Vargas efetuou-se num contexto em que os promotores eram tidos como serventuários da justiça e “verdadeiros agentes do poder central nos fóruns e nas cidades”.

Conforme essas versões sobre o cargo no Ministério Público, o *ethos* de competente, que nos remete ao esforço pessoal, mérito, perseverança, resta coberto por falácias<sup>19</sup>, já que o acesso a essa função foi fundamentado em apadrinhamento político e, não necessariamente, nas competências pessoais de GV.

Em suma, percebemos que o *ethos* de competente, importante associação à imagem de um político, é reafirmado inúmeras vezes na biografia. Porém, ao ser “confrontado” com outras fontes, apresenta certas fragilidades, pois parece que o estadista, durante seu Governo, usou de influência política como trampolim em alguns episódios de sua carreira.

### **O *ethos* de líder**

A biógrafa tentou construir a imagem de líder, demonstrando a confiança e respeito que as pessoas tinham em relação ao seu pai. Alzira relata que os políticos do entorno de GV “havia habituado a receber dele conselhos e orientação, a jogar sobre seus ombros todas as responsabilidades e a esperar dele as soluções para todas as dificuldades”<sup>20</sup>. Dessa forma, restava a GV agir, muitas vezes de maneira solitária.

Igualmente, tentou reforçar a postura de um presidente que agiu corajosamente, mesmo que tenha parecido equivocado, em prol de seu povo. No fragmento [4], Alzira tenta demonstrar como Getúlio era um líder nacionalista: “o mais brasileiro dos gaúchos”, além disso, perspicaz frente à necessidade político-econômica do País: “unificação nacional era absolutamente necessário, imprescindível para acabar de vez com as diversas ameaças separatistas”.

---

<sup>19</sup> *inverdades, meias-verdades, contradições, ambiguidades, imprecisão de dados, fuga do ônus da prova.* (MENDES, 2016).

<sup>20</sup> (Op.cit.p.254)

[Excerto 4]

Sentira Getúlio Vargas, o mais brasileiro dos gaúchos, que esse movimento de unificação nacional era absolutamente necessário, imprescindível para acabar de vez com as diversas ameaças separatistas que já haviam surgido em nossa terra, desde os primórdios da Independência. “Não há estados grandes, nem pequenos. Grande só é o Brasil”. (Op.cit. p. 335 – grifos nossos).

O discurso político de Vargas sempre batalhou pela afirmação de um “nós”, que implicava necessariamente na negação do outro, visto sempre como um opositor e um inimigo. Difundindo essa máxima, as exclusões e perseguições aos adversários do regime eram justificadas.

É interessante perceber que o imaginário coletivo, expresso por tal máxima, ainda persiste na atualidade. Ainda hoje, no Brasil, de acordo com conversas informais que tive com pessoas que viveram entre 1937 e 1945 e com base nos estudos de Capelato (1998, p. 321): “o varguismo é uma lembrança bem construída pela memória oficial, com o auxílio da máquina da propaganda, mas também recordada, com nostalgia, pelos trabalhadores que se sentiam dignificados ou beneficiados pela política do ‘pai dos pobres’”.

Em relação ao golpe de Estado, perpetrado por GV, em 1937, a biógrafa explicita que:

[Excerto 5]

Reiteradas vezes, Getúlio Vargas havia feito sentir que não desejava incorrer no mesmo erro de seus antecessores: o de impor ao povo um candidato oficial, patrocinado pelo Governo. Cometeria, no entanto, com essa decisão um gravíssimo erro psicológico, erro que o obrigaria, em menos de um ano, em 1937, a adotar uma atitude drástica, em absoluto desacordo com sua maneira de pensar e de agir. (op.cit. p. 254 – grifos nossos).

Em toda a narrativa, ela tentará convencer o leitor que o golpe foi, na verdade, um “tiro de misericórdia”, uma medida extrema de um líder esclarecido, para beneficiar o País e o livrar de um mal maior. Ela traz ao seu texto a voz do próprio Getúlio, que se defende: “já não te disse que a Constituição de 1937 é apenas uma tentativa, uma experiência? Se der resultado o povo terá tempo suficiente para saber, depois de passado o perigo, se a quer como definitiva ou não”<sup>21</sup>.

O Estado Novo perdurou de 37 a 45, ou seja, oito anos. Para se manter no Poder e se legitimar, GV lançou mão de uma política populista e da crença de ser um “salvador da Pátria”. No Dossiê *Getúlio Vargas*<sup>22</sup>, encontramos outra versão para o episódio de 37:

---

21 (Op.cit., p.373).

22 Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Getulio%20Vargas.pdf>

Em 1º de janeiro de 1937, em discurso transmitido pelo rádio a toda a Nação, Vargas garantiu que a campanha para as eleições presidenciais “prosseguiria numa saudável atmosfera de liberdade”. A questão sucessória já vinha agitando os meios políticos desde 1936, mesmo porque os prováveis candidatos que ocupassem cargos administrativos deveriam renunciar até dezembro para poderem concorrer às eleições. No discurso que pronunciou em 7 de setembro, Getúlio afirmou que “era a última vez que naquela data se dirigia ao povo”, pois em 3 de maio do ano seguinte teria de entregar o Governo ao seu sucessor. Em 10 de novembro de 1937, Vargas comandou o golpe de Estado, dissolvendo o Congresso e outorgando uma nova Constituição ao país. A Câmara e o Senado amanheceram cercados por tropas de cavalaria que barraram a entrada dos parlamentares com a notícia de que o Congresso havia sido fechado. (CPDOC, s/d, p.84).

Ainda que haja provas consistentes e irrefutáveis do autoritarismo de Getúlio, Alzira tentou *fazer-creer* que GV era um líder democrático:

[Excerto 6]

O Estado Novo não era totalitário, não chegava a ser ditadura, não era democracia no sentido que lhe é dado atualmente, não era uma oligarquia e muito menos uma monarquia [...]. Finalmente consegui enquadrar o Estado Novo: 1930 a 1934, o Brasil foi uma democracia exercida por um Ditador, colocado e mantido no poder pela vontade do povo. Em 1934 até 1937, tornou-se uma democracia constitucional, exercida por um Presidente eleito pelo Congresso. (PEIXOTO, 1960, pp. 384,385).

No próximo tópico, abordaremos os *ethé* associados à identificação.

### ***Ethé de identificação***

De acordo com Charaudeau (2008), os *ethé* de identificação acontecem por meio do afeto social, da emoção e do sensorial. O cidadão, mediante um processo de intuição, projeta a sua identidade na do seu Líder – reconhece-se nele, comungando dos mesmos princípios. Dessa forma, para tocar o maior número de pessoas possível, o político se vale de “imagens de si” associadas aos valores universais, que dificilmente serão rechaçados.

Charaudeau (2008) salienta que, uma vez que as sociedades não são completamente homogêneas, para se atingir o maior número de pessoas, o sujeito deve tocar naquilo que reúne as massas, sob grandes denominadores comuns: discursos simples portadores de mitos, de símbolos ou de imaginários que encontram eco em suas crenças; imagens fortes suscetíveis de provocar a adesão passional. Tais estratégias movem as emoções das pessoas e facilitam a identificação.

Em nosso material de análise, descobrimos pistas que nos remetem aos seguintes *ethé*: humano, benevolente, carismático, honesto, simples e redentor. Eles são uma estratégia importante, pois apontam para a possibilidade de que o indivíduo político é capaz de demonstrar seus sentimentos, sua compaixão para com aqueles que necessitam, de mostrar que é um homem comum e do povo. Nesta pesquisa, demonstraremos os *ethé* de: humano/benevolente e redentor.

### ***O ethos de humano e benevolente***

Para se ter uma imagem positiva perante o povo, é necessário que o político demonstre sua capacidade para gerir o País. No entanto, é igualmente importante que a população perceba que ele é dotado de sentimentos e demonstre seu lado humano. Os fragmentos que seguem, mostram como Alzira tentou inserir o biografado nesse grupo.

A biógrafa aproveita a narração sobre o episódio da Revolução Gaúcha<sup>23</sup> (em 1923) para apresentar ao leitor as características de homem paternal, bondoso e humano que GV tinha:

[Excerto 7]

Curioso, nunca havia notado que meu Pai era bonito: uma cabeleira negra ligeiramente ondulada, um olhar bondoso, nada parecido com aquele que tanto temíamos quando ousávamos perturbar suas meditações, e um sorriso claro e alegre como para nos tranquilizar e evitar lágrimas”. (Op.cit., p.2 – grifos nossos).

Em outra passagem, fragmento [8], Alzira explora uma anomalia cardíaca congênita que Getúlio apresentava (seu coração era um pouco maior que o normal). Por meio de uma figura de linguagem, ela reforça o *ethos* de bondoso e de caridoso do pai – expondo seu caráter humano, seu “coração” magnânimo.

[Excerto 8]

As radiografias revelam que o tamanho de seu coração é um pouco acima do normal. Mas é congênito. Nasceu assim. Tentava teimosamente fazer o seu coração encolher. Tudo inútil. Tinha o coração grande demais. (Op.cit., p. 73 – grifos nossos).

<sup>23</sup> Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/REVOLUC3%87%C3%83O%20GA%20DE%201923.pdf>

Como sabemos, na cultura ocidental, o coração é símbolo de sentimentos associados ao amor, ao afeto, à alma. Então, ao trazer para a biografia o fato de que GV nasceu com um coração de dimensão acima do normal e que, por mais que tentasse, ele não conseguiu reduzi-lo por ser bondoso demais, ela tenta sensibilizar seu auditório, revelando o lado humano e benevolente do pai.

O exemplo a seguir [fragmento 9] demonstra outra tentativa da biógrafa de projetar essa imagem para seu pai. Segundo ela, GV não deixava de ser generoso e bondoso nem mesmo em posições de comando.

[Excerto 9]

Nunca negou solidariedade, afeto e compreensão a quem quer que o procurasse. De muita pouca gente, porém, recebeu a retribuição exata, no momento exato. Isso cristalizou-lhe na alma o hábito inato em todo gaúcho da fronteira. Nada esperava de ninguém. Não pedia, não exigia, não se entregava. Arrancava de si próprio a energia necessária à realização de suas ideias. (Op.cit., p. 26 – grifos nossos).

Percebe-se, nesse fragmento, a tentativa da biógrafa em demonstrar um caráter filantropo de GV. Ele nunca negava solidariedade, afeto, compreensão às pessoas, nunca esperava nada em troca. Precisava realizar seus projetos sozinho, uma vez que não podia contar com ninguém, mesmo numa posição de comando, “não pedia, não exigia”.

Ainda que Alzira narre e tente demonstrar a generosidade do pai, outras versões apontam para arbitrariedades do Governo getulista, como a prisão e tortura de escritores que não concordavam com sua forma de governar, entre eles: Monteiro Lobato<sup>24</sup>, Graciliano Ramos<sup>25</sup> e Patrícia Galvão (a Pagu)<sup>26</sup>.

Na contramão, os intelectuais que não se opunham ao Governo de Getúlio tiveram espaço privilegiado de atuação, como Carlos Drummond de Andrade, Mario de Andrade, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Heitor Villa-Lobos e Manuel Bandeira – esses intelectuais, sob a proteção do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, desenvolviam projetos elaborados por setores progressistas.

<sup>24</sup> ALMEIDA (2008). Disponível em: <http://www.pralmeida.org/05DocsPRA/1925MonteiroLobatoPetroleoBr.pdf>

<sup>25</sup> Os relatos de Graciliano Ramos (1987) sobre sua prisão em Memórias do Cárcere revelam com detalhes todas as práticas de tortura a que foi submetido durante o momento em que esteve preso. Dentre as torturas sofridas, ele relata o processo de desumanização que a situação imposta provocara, através de humilhações cotidianas, das agressões corriqueiras e das transferências frequentes.

<sup>26</sup> Patrícia Galvão foi a primeira mulher brasileira a ser “presa política” no século XX. Em 1931, ao participar da organização de uma greve de estivadores em Santos, Pagu foi presa pela polícia política de Getúlio Vargas. Essa foi a primeira de uma série de 23 prisões ao longo da vida.

Refletindo sobre essa questão, Capelato (2003) revela que, nesse período, a forte repressão, as prisões arbitrárias, a tortura, os exílios e a censura atingiram tanto os considerados subversivos (comunistas, socialistas, anarquistas) como os opositores liberais. Ainda conforme a autora, muitos permaneceram presos nas masmorras do Estado Novo e foram torturados. Nessa mesma direção, Marques de Jesus (2009, p. 79) explica que

o Estado Novo foi um regime ditatorial sob o comando de Getúlio Vargas. A tortura foi um dos pilares de sustentação desse regime. As prisões no País passaram a ter, além de criminosos comuns, prisioneiros políticos. Ambos eram cruelmente e sistematicamente torturados.

Alzira afirma em sua biografia que Getúlio Vargas “não cometera violências, nem arbitrariedades. Os derrotados políticos não sofreram vexames; alguns foram solicitados a se retirar do País, sem perseguição; outros se exilaram voluntariamente”. (Op.cit., p.78). No entanto, em outras versões da história, Getúlio não parece ter sido tão solidário como narra sua biógrafa, principalmente no que tange o caso de Olga Benário<sup>27</sup>, judia alemã e comunista, que foi deportada para a Alemanha de Hitler e assassinada no campo de extermínio.

### **O *ethos* de redentor**

Sobre a morte de Getúlio, gostaríamos de abrir um par de parênteses. Durante todo o seu Governo, expressivamente no Estado Novo, Getúlio Vargas preocupou-se com sua imagem, entre suas táticas estava a exposição contínua de suas fotografias, obrigatoriamente afixadas em todas as escolas, fábricas, repartições públicas, bares e restaurantes, vagões de trens (CAPELATO, 1998). Sua efigie estava nas moedas, selos, placas comemorativas e de inauguração. Canções enalteciam o seu Governo, dentre os músicos, Ataulfo Alves e Heitor Villa-Lobos. Seu nome foi atribuído a inúmeras ruas e logradouros públicos. A imagem de Getúlio estava presente em todos os lugares e ambientes durante todo o tempo e de diversas formas – para que fosse criada uma sensação de onipresença.

De modo óbvio, ao planejar sua morte, Getúlio também se preocuparia com a imagem que ficaria cristalizada no imaginário social e coletivo. Sendo assim, um dia após o suicídio de Vargas, parentes, aliados e amigos próximos alegaram que, ao lado do seu corpo, foi

<sup>27</sup> Ver mais sobre Olga Benário em Abreu-Aoki (2016).

encontrada a cópia de uma carta, a *Carta-testamento*, com sua assinatura, dirigida ao povo brasileiro. Nessa carta ficavam explícitas as razões que o tinham levado ao gesto extremo do suicídio e eram indicados os responsáveis por esse desfecho trágico: grupos internacionais, cujos interesses o Governo contrariara, grupos esses aliados aos nacionais, que se opunham ao que Vargas definia como "o regime de garantia do trabalho".

Segundo o Getúlio Vargas da carta, unidos, os seus opositores haviam deflagrado um bombardeio sem tréguas ao qual ele não podia mais resistir. Esse bombardeio tinha o intuito de atingir Vargas, porém, na versão do estadista, o ataque visava à derrota das conquistas que o Governo assegurara ao povo/brasileiro.

Revelador dessa intenção é o trecho de uma das versões da *Carta-testamento* em que se lê: “se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco (...). Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta”.<sup>28</sup>

Percebemos que algumas das expressões utilizadas por Alzira, na dedicatória da biografia, por exemplo, e “pelo próprio” Getúlio Vargas, na *Carta-testamento*, como: “sangue derramado voluntariamente para salvar o Brasil”, “ofereço em holocausto minha vida”, “meu sacrifício vos manterá unidos, escolho este meio [a morte] de estar sempre convosco”, fazem parte de um campo discursivo religioso e têm a intenção de fazer com o que o leitor se identifique com uma espécie de messias.

Pelo que tudo indica, Getúlio suicidou-se por uma soma de fatores: estava cada vez mais isolado por seus antigos aliados políticos; era acusado pelo atentado contra a vida de Carlos Lacerda; seu vice-presidente e os militares o pressionavam para que renunciasse; e seus filhos Maneco e Lutero, o genro Rui da Costa Gama, casado com a filha mais nova, Jandira, estavam envolvidos em corrupção.

Se tivesse deixado a Presidência, ele teria respondido a vários processos e correria o risco de ser condenado, junto com parentes e pessoas de sua estrita confiança. Com sua morte, o inquérito foi encerrado, nada foi apurado em relação aos parentes de Getúlio, todos saíram ilesos. Além disso, o suicídio de Getúlio foi uma arma política na tentativa de ganhar um lugar positivo na memória nacional.

---

<sup>28</sup> Getúlio Vargas – *Carta-testamento*. Ver mais sobre versões das cartas-testamento em Abreu-Aoki (2016).

Ainda sobre o suicídio, o professor Daniel Aarão Reis Filho<sup>29</sup> (Universidade Federal Fluminense) explica que Getúlio Vargas já havia contemplado, algumas vezes, a hipótese do suicídio, em caso de derrota catastrófica de seus projetos políticos e ambições pessoais. Em seus escritos, Getúlio deixa entender que encarava o suicídio como algo válido e até necessário<sup>30</sup>, seria uma “saída com honra de uma situação sem saída”. Ele registra esse pensamento nos seus diários, em momentos críticos de sua carreira: 1930, 1932, 1942 e 1945. E cumpre-o em 1954. Fecha parênteses.

Na biografia *Getúlio Vargas, meu Pai*, o *ethos* de redentor tem sua base no *ethos* de predestinação, uma vez que a morte de Getúlio Vargas, por suas próprias mãos, já estava traçada antes mesmo dele nascer, por força do destino “estava escrito. Ele só receberia o batismo de sangue pelas próprias mãos”. (PEIXOTO, 1960, p. 21).

[Excerto 10]

Era uma vez um homem só, tão só que, podendo partir cercado de amigos, preferiu partir sozinho. Era uma vez um homem só, que morreu, como pouca gente morre. (Op.cit., int.- grifos nossos).

Há no final da biografia, um forte desejo de *fazer-crer* que Getúlio Vargas deu sua vida pelo povo brasileiro, como um sacrifício vivo, assim como aparece na liturgia religiosa a figura de Cristo, “que deu sua vida por nós <sup>31</sup> e, mediante seu sangue, nos libertou de todos os nossos pecados<sup>32</sup>”.

Como pudemos ver, nessa pequena amostra, com o intuito de demonstrar a credibilidade de Getúlio Vargas como presidente do povo brasileiro, Alzira Vargas projetou para o seu biografado *ethé* de predestinado, competente, abnegado, devotado, autocentrado e líder - demonstramos efetivamente três deles: predestinado, competente e líder. Além disso, para comprovar a identificação do líder com seus governados, a biógrafa narrou muitos episódios nos quais foram projetados *ethé* de humano, benevolente, carismático, honesto, simples e redentor – exemplificamos dois deles: humano/benevolente e redentor.

29 Disponível em: <http://www.dm.com.br/cidades/sudeste/2014/05/um-tiro-que-mudou-a-historia-do-brasil.html>

30 Carta-testamento de Getúlio Vargas expondo os motivos que o levariam a cometer suicídio, em decorrência da tentativa de um golpe militar, 13 de abril de 1945. Arquivo CPDOC-FGV, documento GV 1945.04.13/2.

31 Livro de I João, capítulo 3, versículo 16 > [I João 3:16].

32 Livro de Apocalipse, capítulo 1, versículo 5 > [Apocalipse 1:5].



## Considerações Finais

Ninguém biografava em vão. Biografava-se com finalidades específicas: exaltar, criticar, denunciar, renegar, apologizar, santificar, dessacralizar. Tais finalidades e intenções fazem com que, ao se retratarem histórias de vida, experiências singulares e trajetórias individuais, uma nova ordem seja instaurada. Por isso, devemos questionar a autenticidade dos fatos narrados, relacioná-los com outros textos e tentar revelar aquilo que é dito ou silenciado. É nesse entremeio que nos aproximamos de um conhecimento lúcido sobre a História.

No entanto, nem todo leitor considera tais fatores ou tem um conhecimento prévio sobre os fatos apresentados pela biografia, dessa forma, pode acreditar na transparência do texto, aderir ao projeto de escrita e internalizar os fatos como uma verdade inquestionável. Além disso, pode crer que aquela obra revela um sujeito por inteiro e toda uma vida, caindo na armadilha da ilusão biográfica (BOURDIEU, 1986).

Como vimos, as versões apresentadas pela biógrafa tentaram provocar no leitor uma admiração por Vargas e atribuir a ele traços identitários positivos de credibilidade e identificação. Esses insumos ajudaram no processo de mitificação de Vargas, especificamente, do mito político consolidado nacionalmente, por ele mesmo, durante o Estado Novo (1937 a 1945).

Podemos considerar que em um texto escrito, como é o caso da biografia analisada por nós, há a possibilidade de encontrarmos *ethé* fixos, cristalizados, projetados linearmente por única voz – a da narradora. Ou por vozes de outros, mas que são selecionadas pela escritora e que dialogam em um único sentido. Isso é provável, pois as personagens são de papel, encadernadas, tecidas ao bel-prazer de quem lhes produz vida.

Ao pesquisarmos a biografia política, *Getúlio Vargas, meu Pai*, percebemos a sua importância para a construção da memória e história da Nação. Entretanto, ao caracterizar o protagonista GV apenas positivamente, colocando-o como um ser predestinado e messiânico, com escassez de erros, oculta-se a natureza multifacetada inerente ao ser-humano. Além disso, silenciam-se as graves violações aos Direitos Humanos cometidas durante o governo getulista, criando-se uma ilusão em torno da figura do estadista.

Durante oito anos estudando as biografias de Getúlio Vargas, percebemos que grande parte delas é tecida por meio de uma narrativa romanceada, em torno de feitos heroicos e de uma personagem quase messiânica. Essas obras ocultam o lado cruel da história varguista.

Poderíamos pensar que os biógrafos, em seus projetos de escrita, desejaram apenas homenagear GV, ressaltando apenas seus feitos positivos. Entretanto, como se trata da vida de um estadista, tal atitude é perigosa, porque cria uma falsa memória e Getúlio Vargas ainda é um presidente muito citado e “imitado” no meio político.

Entendemos ser essencial para a construção da memória de uma dada sociedade, o direito à verdade dos fatos, quer sejam positivos, quer sejam negativos, para que nunca mais se repitam. Como bem pontou Arendt (1998), uma perda só pode ser reparada quando dela se contar uma história, completamos: com todas as suas versões.

## Referências Bibliográficas

**ABREU-AOKI**, Raquel Lima. *Getúlio Vargas Encadernado: a construção narrativo-argumentativa da imagem do estadista em Getúlio Vargas, meu Pai*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016. Tese de Doutorado.

**ARENDT**, Hannah. *The Human Condition*. Chicago: The University of Chicago Press, 2.ed. 1998.

**BISCHOFF**, Alvaro & **SOUTO**, Cíntia V. “Getúlio Vargas e o Ministério Público (1908-1909)”. *Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 53, 2004.

**BOURDIEU**, Pierre. “L’illusion biographique”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. V. 62-63, 1986. Pp. 69-72.

**BOURDIEU**, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: **AMADO**, Janaína; **FERREIRA**, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

**CAPELATO**, Maria Helena Rolim. *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 2v.

**CAPELATO**, Maria Helena Rolim. *Multidões em Cena: Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. São Paulo: Papirus, 1998.

**CHARAUDEAU**, Patrick. *O Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu & Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

**JORGE**, Fernando. *Getúlio Vargas e o seu tempo: um retrato com luz e sombra*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

**LE GOFF**, Jacques. *História e Memória*. Trad.: Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

**MARQUES DE JESUS**, Maria Gorete. *O crime de tortura e a Justiça Criminal: um estudo dos processos de tortura na cidade de São Paulo*. 2009. 257f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2009.

**MENDES**, Eliana Amarante de Mendonça Mendes. “Retórica e transgressão: o discurso de Angela Merkel para o parlamento de Israel”. In: Piris, Eduardo Lopes; Olímpio-Ferreira, Moisés (org.). *Discurso e Argumentação em múltiplos enfoques*. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 129 – 149.

**PENA**, Felipe. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

**PEIXOTO**, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu Pai*. 2ª edição. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1960. [1ª edição 1960].

**RONDELLI**, Elizabeth; **HERSCHMANN**, Micael. “A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena”. *Tempo Social Revista de Sociologia*. USP, S. Paulo, 12(1): 201-218, maio de 2000.

**SILVA**, Hélio. *Vargas: uma biografia política*. Porto Alegre: LPM, 2004. (Coleção Pocket) — [1ª edição 1980].

## **Fluctuating Getúlio Vargas' *ethos*. Comparative analysis of designed images to the statesman.**

**Abstract:** The objective of this research is to analyze the biography *Getúlio Vargas, meu Pai* - Getúlio Vargas, my Father - written by Alzira Vargas, daughter of the biographer, seeking mainly to verify which *ethé* are outlined for Getúlio Vargas, with the purpose of understanding, from them, what the image of the statesman his daughter wished for crystallizing to posterity. As a theoretical framework, we have emphasized the studies on *ethos*, fetching contemporary contributions to this category in Charaudeau. We emphasize that, as this biography also passes through by historical and political domination, it was necessary to analyze it concern interdiscursivity, with elements originating from these domains. In the version presented by Alzira the *ethé* designed for the protagonist attribute to him numerous virtues, registering a shortage of vicious acts, these always justified by the author. Therefore, in this biography, the image fixed for Getúlio Vargas was highly positive, which is questionable when compared to inputs produced in other discursive instances. Thusm we find that Getulio's *ethos* "fluctuates" considerably, according to the goals and intention of the writers.

**Keywords:** Biograghy, Ethos, Getúlio Vargas, Alzira Vargas, Discourse Analysis.